



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

CINEMA E AUDIOVISUAL

**O AMOR ROMÂNTICO DA LITERATURA PARA O CINEMA: UM ESTUDO DE CASO DE
ORGULHO E PRECONCEITO**

BEATRIZ SOARES DE PAULA

Foz do Iguaçu
2022

RESUMO

Literatura e cinema têm uma relação estreita desde o início da chamada sétima arte. Este artigo busca discutir, em linhas gerais, como ocorre a tradução em imagem do texto literário, e tem como base a narrativa fílmica *Orgulho e Preconceito* (Joe Wright, 2005) que teve como fonte o livro de mesmo nome (Jane Austen, 1813). Para isso, será utilizado material bibliográfico sobre adaptação cinematográfica que discute como essas duas linguagens dialogam, destacando assim os conceitos de adaptação, linguagem literária e linguagem cinematográfica. Por fim, é possível conjecturar que a obra de Joe Wright traz uma nova perspectiva sob o olhar romântico de Jane Austen do século XIX ao século XXI.

Palavras-chave: Adaptação, Literatura, Cinema, Orgulho e Preconceito.

RESUMEN

La literatura y el cine han tenido una estrecha relación desde los inicios del llamado séptimo arte. Este artículo busca discutir, en términos generales, cómo ocurre la traducción a imagen del texto literario, y se basa en la narrativa cinematográfica *Orgullo y prejuicio* (Joe Wright, 2005) que se basó en el libro del mismo nombre (Jane Austen, 1813). Para eso, se utilizará material bibliográfico sobre adaptación cinematográfica que discute cómo estos dos lenguajes dialogan, destacando así los conceptos de adaptación, lenguaje literario y lenguaje cinematográfico. Finalmente, es posible conjeturar que la obra de Joe Wright trae una nueva perspectiva bajo la mirada romántica de Jane Austen del siglo XIX al siglo XXI.

Palabras clave: adaptación, literatura, cine, Orgullo y prejuicio

INTRODUÇÃO

Adaptações conseguem reunir duas artes em um único elemento: todo o sentimentalismo de uma história que amamos para imagens e sons que transmitem a emoção despertada pelas palavras. A literatura, por muito tempo, foi considerada uma arte superior enquanto o cinema era visto apenas como um entretenimento para aqueles que não eram cultos o suficiente para a leitura. Para Bazin (2018, p.125) “ O cinema impõe-se, com efeito, como a única arte popular numa época em que o próprio teatro, arte social por excelência, só chega a uma minoria privilegiada da cultura ou do dinheiro.” Porém, o que para a literatura demorou séculos para se solidificar e evoluir, o cinema conseguiu em pouco mais de cem anos.

Muitas vezes as críticas de uma obra audiovisual é referida como infiel, e tratada como uma traição quando não corresponde exatamente ao que está no livro. Segundo Robert Stam (2006) as discussões sobre a inferioridade das adaptações se dá por meio de um preconceito enraizado de que ao ser adaptado um livro perde mais do que ganha. Mas esse é um pensamento errôneo já que a literatura e o cinema são artes diferentes e possuem linguagens distintas também.

Para um leitor, é incrível ver que sua história favorita ganhou forma e que pode sentir emoções por meio das telas de cinema. Contudo, literatura e cinema podem dialogar de maneira acertada para que a adaptação capte o melhor das duas artes. O necessário para uma boa adaptação não é e nem deveria ser a fidelidade. A essência da obra pode ser demonstrada de uma maneira que faça o espectador desenvolver emoções ao trazer uma singularidade própria. A história é contada através da visão nova do roteirista, diretor e equipe de produção, e isso pode trazer ganhos prazerosos para o público.

Segundo Luke Speed, responsável pela compra de direitos de adaptação da agência Curtis Brown, cerca de 60% das produções dos grandes *streamings* atualmente são baseados em obras literárias. Isso é evidenciado quando cinco das 10 séries mais assistidas da Netflix, em 2021, são adaptações literárias, de acordo com o próprio *streaming*. Muitos direitos de produção são comprados antes mesmo da publicação do livro, pois o mercado está mais acirrado e pede pela necessidade

de obras originais produzidas pelo streaming, afirma Jordon Moblo, diretor da área de adaptações da Netflix.¹

Apesar de muitas produções de obras recentes, os livros clássicos têm seu espaço na indústria também. Uma das razões para tal investimento, por exemplo, pode ser justificado por se tratar de uma obra atemporal, que se comunica com o público desde sua publicação e pode ser reinventada e ressignificada.

Podemos citar como uma das possíveis razões para o crescimento das adaptações a segurança de um texto já aprovado pelo público. Ao levar para as telas uma história contada por um *best seller*, por exemplo, já é possível estimar a existência de um público para aquela história por ser uma história conhecida e amada por muitos. Entretanto, é necessário pensar que há quesitos importantes durante uma produção de adaptação cinematográfica. É importante observar a época que o filme está sendo realizado, os diferentes costumes daquela sociedade e quais as intenções que os produtores desejam ao adaptar essa obra. Um filme é feito por meio de vários profissionais que têm visões diferentes e juntos vão pensar na melhor forma de traduzir a obra literária para as telas.

A obra escolhida para este estudo de caso é o romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, publicado em 1813. Jane Austen nasceu na Inglaterra em 1775 e publicou seis obras completas e alguns trabalhos inacabados. Austen escrevia sobre seu cotidiano, a sociedade inglesa do século XIX e a suposta necessidade das mulheres de se casarem para ascender na sociedade. Sempre de maneira irônica e perspicaz, Jane Austen conseguiu criar personagens femininas à frente de seu tempo em que demonstravam um perfeito equilíbrio de singularidade e tradicionalismo.

A primeira adaptação de *Orgulho e Preconceito* para os cinemas, de título homônimo, foi em 1940 dirigida por Robert Z. Leonard e teve nos papéis principais Laurence Olivier e Greer Garson. Depois dessa, o romance já teve mais de sete adaptações para o cinema e televisão que são adaptações que se recriam o século XIX, sendo as mais famosas *Orgulho e Preconceito* (Simon Langton, 1995) e

1

Fonte: <https://observador.pt/2022/01/25/livros-aquisicao-de-direitos-para-adaptacao-televisiva-dispara-com-aumento-de-conteudos-nas-plataformas-de-streaming/>

Fonte: <https://top10.netflix.com/tv> . Ambos acessados em 18 de julho de 2022.

Orgulho e Preconceito (Joe Wright, 2005), e várias outras que reformulam a história para uma época contemporânea ou que introduzem elementos novos.

Sendo assim, o filme escolhido para análise de diálogo junto com o romance foi a versão do britânico Joe Wright, produzida em 2005. O filme foi bem recebido pela crítica e pelo público e recebeu quatro indicações ao Oscar, entre elas melhor direção de arte e melhor atriz para Keira Knightley. A obra é considerada uma versão mais romântica e moderna, que consegue agradar o público e trazer a sensibilidade austeniana em apenas 127 minutos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo observar e analisar como a literatura e o cinema podem andar juntos e dialogar para um melhor desenvolvimento de ambas. Para tal fim, este artigo será separado entre três partes. Primeiramente, aborda-se o conceito de adaptação, linguagem literária e linguagem cinematográfica através principalmente de teóricos como Robert Stam, Ismail Xavier e Linda Hutcheon. Na segunda seção, será discutido como esse filme retrata o amor romântico da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. E por fim, serão levantadas algumas estratégias utilizadas para traduzir o amor romântico para o meio audiovisual.

OBRA CINEMATOGRAFICA E OBRA LITERARIA: DEFININDO ADAPTAÇÕES

A relação entre cinema e literatura começou desde o início do cinema. Muitos dos primeiros filmes eram uma forma de interpretar para o meio visual, uma história que já era conhecida através da escrita. Durante os anos iniciais do cinema, em que apenas as imagens em movimento eram novidade e o público ainda estava se acostumando com a nova forma de entretenimento, era comum que contos antigos fossem adaptados para as telas pela sua praticidade e melhor comunicação com o público.

Após a evolução do cinema, o desenvolvimento do audiovisual deixou de ser apenas uma maneira de se contar uma história, mas também uma forma de expressão artística. A popularização de roteiros originais, com narrativas e tempos diferentes do presente, transformaram o modo de se fazer filmes. Porém, a adaptação da literatura permaneceu presente nas escolhas de produções cinematográficas, pois tinham grandes públicos.

Ao se tratar de adaptação, é necessário mencionar que a linguagem literária é diferente da linguagem cinematográfica. O teórico Ismail Xavier (2003) cita em seu texto *Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema*:

O livro e o filme nele baseado são vistos como dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura. (XAVIER, 2003, p. 61)

Sendo assim, é importante ressaltar que quando falamos de representar uma história de um meio para outro, as diferenças serão existentes e é inviável uma comparação das duas partes.

Segundo Stam (2006, p. 19) “A linguagem convencional da crítica sobre as adaptações tem sido, com frequência, profundamente moralista, rica em termos que sugerem que o cinema, de alguma forma, fez um desserviço à literatura.” Comumente as adaptações são tratadas como incorretas ou ruins ao serem classificadas infiéis aos livros originais.

Entretanto, a finalidade de uma adaptação não é trazer para o cinema tudo exatamente do jeito que o autor escreveu, até porque são mídias distintas. Cabe ao filme traduzir, fazer uma releitura da obra literária e fazer escolhas, mas não transcrever o texto literário, como divide Xavier: “ao cineasta o que é do cineasta, ao escritor o que é do escritor” (2003, p 62). Ambas formas de expressão tem suas características e ambos profissionais têm sua visão.

Por meio das diversas estratégias que o cinema utiliza para narrar e que é possível pela expansão que o audiovisual permite, Robert Stam afirma:

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (STAM, 2008, p.20)

Portanto, o termo adaptação já não possui mais a conotação de fidelidade, igualdade e veracidade que muitas vezes foram usadas para descrever uma obra cinematográfica baseada em um romance.

Assim sendo, é mais correto e desejável tratar as adaptações como um diálogo e uma interatividade entre escrita e imagens. Usando termos mais

abrangentes, é possível que as avaliações da tradução da obra literária para o cinema sejam mais interessantes do que apenas uma comparação de termos diferentes.

O tropo da adaptação como uma "leitura" do romance-fonte, inevitavelmente parcial, pessoal, conjuntural, por exemplo, sugere que, da mesma forma que qualquer texto literário pode gerar uma infinidade de leituras, assim também qualquer romance pode gerar uma série de adaptações. (STAM, 2008, p.21)

No que diz respeito ao tempo, as obras literárias podem ser adaptadas décadas depois de serem escritas, ou podem ir para o cinema apenas alguns anos após sua publicação, ou, até mesmo, podem ser escritos simultaneamente com o roteiro e a produção cinematográfica, como Makoto Shinkai fez com *Your Name* (2016). Isso depende bastante do momento em que a indústria se encontra, do papel do escritor ou dos costumes da sociedade na época. Entretanto, adaptações de clássicos sempre tiveram um papel relevante na indústria cinematográfica.

Narrar é tramar, tecer. E há muitos modos de fazê-lo, em conexão com a mesma fábula. Isso implica propor muitos sentidos diferentes, muitas interpretações diferentes a partir do mesmo material bruto extraído de uma sucessão de fatos, de um percurso de vida. (XAVIER, 2003, p.66)

Por esses motivos, cada adaptação de uma mesma história se diferem a partir do ano em que são realizadas, do diretor e de toda a produção que influencia aquele filme recém-criado. Mesmo que bebam da mesma fonte, são versões diferentes que produzem emoções diferentes nos espectadores.

Para muitos espectadores, o interesse pela adaptação vem por causa do conforto e satisfação de assistir algo já conhecido. É um sentimento de tranquilidade, de conhecimento e prazer pela familiaridade. Entretanto, quando uma boa adaptação traz algo de novo e consegue surpreender aquele observador que pensava já saber o que encontrar, pode oferecer um novo ponto de vista para uma história conhecida e fascinar ainda mais o espectador.

A adaptação como repetição certamente não é um adiamento do prazer; é um prazer em si. [...] Mas algo mais acontece com as adaptações em particular: há tanto uma diferença inevitável quanto repetição. [...] Focar somente a repetição, em outras palavras, é sugerir apenas o elemento potencialmente conservador na reação do público à adaptação. (HUTCHEON, 2011, p. 158-159)

Orgulho e Preconceito, obra escrita pela inglesa Jane Austen em 1813, já foi adaptada para o teatro, cinema, *graphic novels*, televisão e literatura. O romance que é um enorme sucesso mundial, ganhou versões remetentes ao século dezenove como a série *Orgulho e Preconceito* (Simon Langton, 1995) e o filme de mesmo nome de 2005, versões contemporâneas como *O diário de Bridget Jones* (Sharon Maguire, 2001) e *Austenland* (Jerusha e Jared Hess, 2013) e até sobrenaturais com a inserção de zumbis à trama em *Orgulho e Preconceito e Zumbis* (Burr Steers, 2016).

O AMOR ROMÂNTICO NA OBRA DE JANE AUSTEN E COMO O CINEMA O TRADUZIU

Segundo Costa (1998, p. 19), “O amor romântico, quando se estabilizou como norma de conduta emocional na Europa, respondeu a anseios de autonomia e felicidade pessoais inequivocamente criativos e enriquecedores.” Com isso, pode-se considerar que por esses motivos, o imaginário popular provocou o desejo de encontrar a alma gêmea e de felicidade conjugal.

Sendo assim, tanto a literatura quanto às outras artes sofreram influências do amor romântico. Na indústria cinematográfica, o amor romântico é um tema recorrente nas produções, pois tem grandes chances de identificação com o público. De acordo com Toledo (2013, p. 208):

“Nessa dinâmica, o amor, como tema central da felicidade moderna, é presença obrigatória na propaganda e, especialmente, nas produções da indústria da cultura. O encontro da “alma gêmea” é veiculado de forma maciça como a solução para todos os males, e como o meio de acesso à singularização e à felicidade.”

O amor romântico é abordado no cinema e também na literatura, porém através de linguagens diferentes. É notável a diferença entre páginas escritas e imagens.

Para Bazin, “O romance tem sem dúvidas seus próprios meios, sua matéria é a linguagem, não a imagem, sua ação confidencial sobre o leitor isolado não é a mesma que a do filme sobre a multidão das salas escuras.” (2018, p. 137). Ao ler

um livro, o leitor imagina e extrai diferentes impressões que uma outra pessoa possa ter diante da mesma leitura ou até mesmo a intenção do autor ao narrar e descrever certas passagens.

Para o leitor, espectador ou ouvinte, a adaptação como adaptação é inevitavelmente um tipo de intertextualidade se o receptor estiver familiarizado com o texto adaptado. É um processo de diálogo contínuo, conforme Mikhail Bakhtin teria dito, no qual comparamos a obra que já conhecemos àquela que estamos experienciando. (STAM, 2000, p. 64, APUD, HUTCHEON, 2011, p. 45)

Posto isto, é ainda mais difícil quando analisamos uma imagem. De acordo com Amaral (2018, p. 70) “A utopia romântica cinematográfica se constrói a partir de imagens e sons, narrativa, *mise en scène*, enquadramento, ritmo, performance, música e montagem.” Por isso, não há muito o que imaginar em relação ao personagem visualmente, seus trejeitos e o cenário também. A produção cinematográfica já “escolheu” tudo para o espectador. Não há como alterar a etnia, as vestimentas, o lugar onde está acontecendo a cena. Apenas é possível analisar a partir do que já é mostrado em cena. Analisar os atores, encenação, como aquelas ações nos influenciam, qual a intenção da cena, as emoções que nos transmite e o que tiramos da passagem. Segundo Linda Hutcheon “Parte tanto do prazer quanto da frustração de experienciar uma adaptação está na familiaridade criada através da repetição e da memória”. (HUTCHEON, 2011, p. 46).

O diretor Joe Wright se desafiou a traduzir para o cinema uma obra tão renomada e importante quanto o romance de Jane Austen *Orgulho e Preconceito* (1813).

[...] “ o que está envolvido na adaptação pode ser um processo de apropriação, de tomada de posse da história de outra pessoa, que é filtrada, de certo modo, por sua própria sensibilidade, interesse e talento. Portanto, os adaptadores são primeiramente intérpretes, depois criadores.” (HUTCHEON, 2011, p. 43)

O filme lançado em 2005 e que recebeu o mesmo nome da obra, foi ambientado no século XIX assim como é retratado na obra de Jane Austen.

Orgulho e Preconceito narra a vida da comunidade inglesa através da perspectiva da família Bennet, principalmente das irmãs mais velhas Elizabeth e Jane, e também do aristocrata Sr. Darcy. Apesar de diferenças aquisitivas, ambos começam a se relacionar quando Sr. Bingley, sua família e seu amigo Sr. Darcy vão

para o campo e conhecem a família da protagonista. Ambos são orgulhosos e isso impede que eles ultrapassem um preconceito que obtiveram quando começam a conviver. Apesar das desavenças, eles se apaixonam à medida que fazem um autoquestionamento sobre suas crenças e alteram aspectos importantes dos seus comportamentos.

Quando foi escrito, o romance expressava o valor do casamento na perspectiva patriarcal com uma suposta necessidade de as mulheres conseguirem se casar com homens de boas fortunas. Assim como é retratado na primeira frase do romance “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa” (VI, cap 1), o principal anseio da Sra. Bennet é ver as cinco filhas casadas. Entretanto, Austen escreve sua heroína como uma mulher que não sucumbirá ao matrimônio a não ser que ame seu pretendido. Com isso, Elizabeth Bennet se transforma em uma personagem mais audaciosa e que consegue atrair o Sr. Darcy exatamente por esse lado diferente de uma dama e da representação feminina vigente à época.

[...] “Elizabeth Bennet encarna um tipo muito diferente de feminilidade daquele da heroína romântica tipicamente passiva, vulnerável e infantilizada; sua astúcia e franqueza ao falar, fazem dela a mais atraente das protagonistas.” (JONES, 2011, p. 11)

Ao dizer isso, Vivien Jones exalta o que ela chama de “independência intelectual” ao referenciar Elizabeth Bennet como uma mulher diferente ao esperar algo a mais de sua vida do que um casamento afortunado, apesar de bem vindo, e sim uma “felicidade individual”(JONES, 2011, p. 24 e p.30). Ao rejeitar a proposta de casamento de seu primo Sr. Collins, até mesmo na sua recusa ao primeiro pedido de casamento de Darcy, Elizabeth exerce um traço distinto de feminilidade de autonomia e liberdade.

Na obra original, de Jane Austen, o Sr. Darcy admira a beleza de Elizabeth e a reconhece em elogios como seus “belos olhos” (VI, cap 6). Porém, é a partir do momento em que ele percebe a habilidade crítica de Elizabeth que vai crescendo sua paixão ao enaltecer “a vivacidade da sua mente” (VIII, cap 18). A partir disso, o leitor reconhece que o Sr. Darcy se sente atraído pela jovem Bennet. No filme, podemos perceber essa evolução de atenção de Darcy para Elizabeth quando, apesar de sua relutância, seus olhos insistem em focalizar na Srta. Bennet aumentando assim a tensão presente nos protagonistas.

Na obra de Jane Austen, a autora utiliza de diálogos fervorosos e de críticas para alimentar a tensão do casal e trazer o aspecto romântico para a narração. Por pertencerem a classes sociais diferentes, a autora cria uma improbabilidade de romance com personagens tão distintos. Entretanto, é por causa dessa oposição de vivências, que as discussões são tão calorosas e cheias de tensão. O confronto de Elizabeth em julgar as pessoas em suas primeiras impressões e a dificuldade de Darcy em ceder à sua arrogância dificulta o casal a se render à paixão.

No clímax do romance e também do filme, “o confronto dá lugar ao compromisso” (JONES, 2011, p.38) quando o Sr. Darcy salva a irmã mais nova de Elizabeth da desonra e reconcilia os apaixonados Sr. Bingley e Jane Bennet ao casamento e reparando o seu erro de afastá-los; assim, Darcy exemplifica o amor romântico ao declarar que tudo que fez foi por amor a Elizabeth e pelo “desejo de fazê-la feliz” (VIII, cap. 16). Joe Wright dirige a cena em que Darcy revela sua motivação e a pede em casamento pela segunda vez, através de um encontro dos dois ao nascer do sol com o casal finalmente se rendendo à paixão.

O filme tem um final alternativo que ficou fora do corte original e foi apenas utilizado na versão norte-americana. A cena mostra Elizabeth e Darcy dividindo um momento romântico com beijos depois de casados.

ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO ROMÂNTICA NAS CENAS CINEMATOGRAFICAS DO CASAL ELIZABETH BENNET E SR.DARCY

Ao traduzir para imagens, é possível trazer aspectos visuais e sonoros que produzem tensão, romance e conseguem despertar emoções dos espectadores através dos sentidos. Para Bazin (2018, p. 138) “Pelas mesmas razões que fazem com que a tradução literal não valha nada, com que a tradução livre demais nos pareça condenável, a boa adaptação deve conseguir restituir o essencial da letra e do espírito.” Sendo assim, o diretor Joe Wright, ao produzir um filme na década de 2000 obtinha bagagem de outras adaptações da mesma obra e influências de estratégias românticas que conseguiriam conquistar o público do cinema que não tinha uma adaptação de *Orgulho e Preconceito* nas telas cinematográficas desde 1995, dez anos antes do lançamento da versão inglesa de Wright. Além é claro, de sua bagagem filmográfica e experiências pessoais de outras produções.

Quando Elizabeth Bennet vai até Netherfield ficar com a irmã mais velha doente e impossibilitada de voltar para casa, sua chegada já exalta os moradores de Netherfield. Ao caminhar quilômetros sozinha e com os pés na lama, contrariando os costumes de uma dama de respeito, Elizabeth é criticada pelas irmãs de Sr. Bingley. Entretanto, no momento em que Elizabeth começa uma breve estadia em Netherfield, ela trava novas discussões com Darcy e aumenta a tensão dos protagonistas. Na despedida de Elizabeth para a volta de sua casa, Darcy a ajuda a subir na carruagem e temos então o primeiro toque de mãos dos protagonistas. A emoção do toque é evidenciada com um close na face de Elizabeth ao notar a ajuda de Darcy e depois um close nas mãos dos dois unidas. Ao caminhar de volta para a casa, há também um close na mão aberta de Sr. Darcy como se pudesse ainda sentir o toque. A diferença do livro e do filme nesta passagem traz uma adição de emoção para um gesto que muitas vezes pode ser considerado banal. No romance de Jane Austen, Elizabeth se despede sem delongas de seus companheiros “Elizabeth se despediu do grupo no melhor dos humores” (V1, cap. 12). Já no roteiro de Deborah Moggach é descrito que há uma troca de olhares dos protagonistas:

ELIZABETH

Sr. Darcy.

DARCY

Senhorita Bennet.

Eles compartilham um olhar enquanto Elizabeth se junta ao resto das Bennets na carruagem. O motorista avança. Bingley acena com entusiasmo para Jane.²

O diretor optou por evidenciar aquele momento de separação dos protagonistas. Através de planos detalhes, o espectador pode sentir toda a emoção que se juntou nas discussões durante a estadia de Elizabeth em Netherfield. O toque físico, que naquela época era incomum de outra maneira que não no

² Tradução livre da autora.

cavalheirismo e na dança, faz com que a tensão sexual dos dois protagonistas despertem sentimentos.

Figura 1: Saída de Elizabeth de Netherfield



Fonte: Netflix. Capturas de tela

Outra cena emblemática que foi evidenciada de forma interessante em *Orgulho e Preconceito* é o baile oferecido pelo Sr. Bingley em que Sr. Darcy convida Elizabeth Bennet para uma dança. Durante essa valsa, ocorre entre os protagonistas uma de suas mais acaloradas discussões. O Sr. Darcy já está ciente de seus anseios pela Srta. Bennet e deseja descobrir as razões da aproximação da jovem com o Sr. Wickham, em quem não confia. Elizabeth, por sua vez, deseja desvendar o relacionamento conturbado dos dois cavalheiros.

A dança é formada por vários casais em fila, os homens de frente para as mulheres. Durante a dança, em meio ao diálogo sutil, porém pertinente. Ambos estão mais relaxados e, quase sem perceber, trocam julgamentos sobre suas opiniões. Elizabeth comenta, de forma irônica, coisas frívolas sobre o salão e os casais ao redor, mesmo sabendo que este assunto não é de interesse mútuo.

Elizabeth recém descobriu mais sobre o caráter de Sr. Darcy através de uma nova amizade, o soldado da marinha George Wickham. Apesar de Darcy ter chamado atenção da sociedade por “seu porte distinto, alto e bonito, e nobre” e também sua excelente renda de “dez mil libras por ano” (VI, cap 1), ele também foi reconhecido como arrogante, “orgulhoso, superior ao grupo, e impossível de agradar.”(VI, cap 3). Entretanto, os relatos do jovem Wickham de Sr. Darcy supera as falhas já conhecidas por Elizabeth.

Enquanto dançam, ambos começam a discutir sobre a influência de Sr. Wickham, e Elizabeth revela que seu interesse na conversa é julgar o caráter de Darcy. Este, por sua vez, diz que espera poder mostrar mais de seu caráter no futuro, demonstrando não querer ser julgado através da opinião de outros e não da própria Elizabeth. Neste momento da discussão, o casal permanece próximo e parados enquanto os outros casais continuam a valsa. Ao terminarem a exaltada conversa, eles voltam a dançar, sem mais diálogos, apenas olhares, porém eles estão sozinhos na cena e todas as pessoas e cenários não estão mais presentes. Nesse momento, é utilizado um recurso lírico, que segundo Cannito e Saraiva (2004, p. 74), “ Outra forma lírica comum é o uso de fluxo de imagens que revelam o que se passa no íntimo dos personagens”. Sendo assim, essa abordagem do diretor pode significar uma evidência de como o casal é sintonizado ao esquecer os outros elementos e focar apenas no interior dos personagens.

Figura 2: Elizabeth e Darcy dançam no baile de Netherfield



Fonte: Netflix. Capturas de tela.

Elizabeth prova sua designação de apenas se casar por amor ao recusar duas propostas de casamento. A primeira, feita pelo seu primo Sr. Collins ao escolhê-la como segunda opção ao perceber que a filha mais velha e mais cobiçada, Jane, estará em breve comprometida. Apenas com o intuito de arrumar uma boa esposa e achando que está fazendo uma boa ação ao escolher a prima como mulher, Sr. Collins tem dificuldade em aceitar que Elizabeth recusaria uma proposta de casamento perfeitamente agradável.

A segunda proposta de casamento, é oferecida por Sr. Darcy, em Rosings, quando Elizabeth vai visitar sua amiga Charlotte e seu primo Collins, recém-casados. Esta passagem tem algumas divergências entre o romance e o filme. No romance, Elizabeth está na casa dos Collins, na sala, e o Sr. Darcy a visita e propõe casamento ao dizer o quanto que mesmo lutando em vão, a ama e admira ardentemente. No filme *Orgulho e Preconceito*, Joe Wright altera o local do pedido para uma antiga construção. O diretor optou por uma cena externa, assim como tem várias tomadas abertas, com planos gerais e muito cenário natural no filme.

A discussão dos dois protagonistas nesta cena é elevada em termos de tensão e romance. Elizabeth havia acabado de descobrir que Darcy era o responsável pelo afastamento de Sr. Bingley e Jane e por isso fica indignada e irritada com o pedido de Sr. Darcy, que vem acompanhado de ofensas contra sua família e sua posição social. As emoções são evidenciadas ainda mais pela forma calorosa que os dois discutem, chegando a se aproximarem muito e com uma tensão sexual marcante.

Além da mudança de cenário, do espaço aberto, há também uma mudança climática com a presença de uma chuva. Segundo Oliveira Jr:

“Os filmes mais recentes dão muitos exemplos de representação de sentimentos e tensões humanas através de paisagens ou fenômenos naturais. [...] A “subida” da Chuva do plano de fundo para o (primeiro) plano da narrativa é vinculada à sua utilização para dizer dos personagens humanos ou do momento específico daquela história em que os fatos e os sentimentos se *condensaram*. Cai chuva. Ela se dá no momento em que as emoções, a solução da trama ou o clímax da história se precipita na narrativa? Mudança de tempo (no sentido climático) indica, tantas vezes, mudança de rumo na história.” (2001, p. 8)

Sendo assim, pode-se conjecturar que a chuva é muito usada no cinema para dramatizar e intensificar a paixão que um casal sente mesmo ao discutir, como pode ser observado em *Diários de uma paixão* (Nick Cassavetes, 2004), *Homem aranha* (Sam Raimi, 2002) e *Bonequinha de luxo* (Blake Edwards, 1961).

Figura 3: Primeiro pedido de casamento



Fonte: Netflix. Capturas de tela.

Figura 4: Diários de uma paixão (2004)



Fonte: Estadão³

Figura 5: Homem Aranha (2002)



Figura 6: Bonequinha de Luxo (1961)



³ Disponível em:
<https://cultura.estadao.com.br/galerias/cinema,os-15-beijos-na-chuva-mais-quentes-do-cinema,2742>
Acessado em 21 de julho de 2022

Dessa forma, pode se notar que a escolha de alterar o cenário contribuiu para um aumento da relevância do clímax da cena dramática e a química do casal se intensifica mais a partir de então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, pode-se concluir que adaptações são muito relevantes para a indústria cinematográfica, sendo uma opção bem utilizada por muitos produtores. Porém não se deve utilizar de conceitos de fidelidade para julgar a qualidade de uma obra. As adaptações vão além de uma reprodução, são criações, fruto de pontos de vistas diferentes, de impactos sociais, e de experiências emocionais.

É perceptível que cinema e literatura apesar de dialogarem bem, são duas linguagens diferentes e, por isso, tomam rumos diferentes em suas formas de narrar uma determinada história. Uma obra literária utiliza apenas de palavras escritas para transmitir ao receptor sua mensagem, já o cinema utiliza de meios visuais e sonoros para comover a audiência.

Orgulho e Preconceito é uma obra importante para a literatura, pois se trata de um dos grandes clássicos literários ingleses. E a indústria cinematográfica, como mencionado, bebe constantemente da fonte dessa história para a produção de outras obras. É importante lembrarmos que apesar do filme analisado ter bastantes semelhanças com a obra original, foram as novas ideias surgidas a partir do roteiro de Deborah Moggach e da aplicação talentosa de Joe Wright que fez essa adaptação um sucesso de crítica e público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Carolina. **O espaço tempo da comédia romântica**. Niterói, 2018.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. In: JONES, Vivien. Prefácio (p. 9-41). São Paulo. Penguin Editora, 2011.

BAZIN, André. **O que é o cinema?**. São Paulo. Ubu Editora, 2018.

COSTA, J. F. **Sem Fraude Nem Favor** – estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

MOGGACH, Deborah. **Pride and Prejudice**. Disponível em: <<https://imsdb.com/scripts/Pride-and-Prejudice.html>> Acessado em 18 de julho de 2022.

OLIVEIRA JR, Wenceslao. **Chuva de cinema**: entre a natureza e a cultura. Revista Educação: Teoria e Prática. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, Volume 9, número 16, 2001.

SARAIVA, Leandro; CANNITO, Newton. **Manual de roteiro**, ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV. São Paulo: Conrad Livros, 2004.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e arte da adaptação. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **Teoria e prática da adaptação**: da fidelidade à intertextualidade, Ilha do Desterro, Florianópolis, nº 51, p. 019- 053, jul./dez. 2006.

TOLEDO, Maria. **UMA DISCUSSÃO SOBRE O IDEAL DE AMOR ROMÂNTICO NA CONTEMPORANEIDADE**: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa. PPGMC, Rio de Janeiro, Número 2, p (201-218), junho 2013.

XAVIER, Ismail, **Do texto ao filme**: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema, 2003.

FILMOGRAFIA

ORGULHO E PRECONCEITO; Direção: Joe Wright. Intérpretes: Keira Knightley, Matthew Macfadyen, Donald Sutherland. Roteiro: Deborah Moggach, Produção: Working Title Films. Reino Unido: Universal Studios, 2005. Reprodução Netflix. Acesso em 20 de julho de 2022.

INTERNET

The Top 10 most popular TV (English), based on hours viewed in their first 28 days on Netflix: <https://top10.netflix.com/tv>. Acessado em 21 de julho de 2022

Aquisição de direitos para adaptação televisiva dispara com aumento de conteúdos nas plataformas de streaming: <https://observador.pt/2022/01/25/livros-aquisicao-de-direitos-para-adaptacao-televisiva-dispara-com-aumento-de-conteudos-nas-plataformas-de-streaming/>. Acessado em 21 de julho de 2022

Os quinze beijos na chuva mais quentes do cinema: <https://cultura.estadao.com.br/galerias/cinema,os-15-beijos-na-chuva-mais-quentes-do-cinema,27425> Acessado em 21 de julho de 2022